

OR onde se descaminhara ela, a maldita?
Corseis em arrebatado tropel, os olhos do pastor mediam monte de raiz a cume, trepando fraga, varrendo córrego, cheios de desolação.

—Ruça! Eh, Ruça!

A voz perdia-se, agrura montanheira andando, e nem balido nem restolhar de codeçal respondiam ao inquieto chamamento.—Valha-me Nossa Senhora, valha!

Lá ao fundo, a bordejar atalho acarelado de tojo hirsuto, lumejou uma enxada ao sol. Ele não viu o ombro que a levava, mas como se debruçasse, gritou-lhe á vista a mancha esperta duma blusa, e o seu alvoroço estralejou:—Senhora moça, vomecê não viu por'i uma cabra?»

Por falta de ouvido, ou porque olhasse pouco á desgraça alheia, a rapariga nem se voltou, e ele, sossobrada a esperança que por momentos lhe alvorecera, deu-se de novo á busca estéril.

Rés-vés á terra, nela alastrando e fiel a seu volúvel contorno, mal absolvendo do recamo uma ou outra talisca de corte recente, abria a carrasca em flôr. Monte e cercania deviam-lhe a aguada dulcíssima que os banhava. Não andassem, pelas baixas, leiras de pastio a desmandarem-se em bacanaís de verde, não retalhasse campo a serpe caprichosa dos caminhos, e se veria como, tam rente ao solo e cerrada, a herva humilde cobria a terra toda, lilás doce até ao infinito. Ao longe então, quando o olhar, pairando de alto e descuidoso da minúcia se rendia ao largo mar florido, semelhava orvalho, a derreter-se em tons intermédios que se esmorzavam desde o roxo espesso até ao azul morto, consoante a sombra a escurentasse nos vales, ou o sol acendesse em clara labareda os morros virados ao nascente.

Mas bem lhe importava a ele, a carrasca! Criado na voz e côr sempre iguais da solidão, quer fosse clamor de inverno, quer o dia velasse aquela paz amortalhada em luz, já nem olhava á terra circundante. E demais agora, com a cabra sumida... —Ruça! Eh, Ruça!

Quando gritava assim, parecia ao Tone que tudo em redor pulsava pelo bater das suas veias, que o monte se comovia, na mesma ânsia, perplexo. Mas se da suspeitada assistencia vegetal lhe manava algum conforto, de pronto o via perdido, quando o seu grito morria nas quebradas. Uma surda hostilidade vinha então do mundo verde, ressumbravam-na as moitas ainda pesadas do suor das albas, e os pinheiros quietos, que não se estafavam com ele pelas veredas. Até um gaio, um badameco dum gaio, mal penujado e fanhoso, se pusera, num galho baixo, a desfiar a cantilena de cotomiço recreado. Discreteava com ar repleto de quem, com mantença assegurada, não tem amo nem cabras que lhe guarde.—Boa te corre a vida, pulante das ramadas!—invejou-lhe o moço.

El vagueava sem tino, Barbilha em riste, testa empavezada por retorcido par de cornos, chocalhando latão velho, seguia-lhe o passo o bode do rebanho, e, mais atrás, arrastadas pelo som batido do bamboleio do macho, as outras quatro cabras.

Curvava-se o Tone á boca das minas, atirando ao seio da terra o nome da transviada. Um manso murmurinho de linfa escondida chuchurreava dentro. Ele ficava-se de esculca, a mordiscar uma palhinha de restolho, com o coração aos saltos, até que a esperança lhe murchava, ressequida pelo gélido silêncio. Duma vez, a alma tangeu-lhe matinas. Um «mé» sinuoso varou o dia, pareceu guindado às fanças. Estendeu o pescoço, correu á orla do mato. Tinha saltado para o caminho, não havia que ver.—«Espera, minha patifa, que te faço as caridades!»

Não tardou que se ensombrasse, ao ver um rebanho retoigando para lá do talude, manchado de sol e de penumbras, sob a guarda da pegureira.

—«Rosa, tu não viste a minha Ruça?»

A P R O M E S S A

conto de MARIA RAQUEL

Fez que não com o braço, a descansada, que nada daria de sobejo se desprezasse a meia para lhe acudir.

Mais alanceado agora, após a esperança tam de pronto acolhida e fracassada, garganta sêca, as mãos numa tremura, de novo se meteu ao mato arisco, alheio ás picadelas do tojo. Mais injurioso pressentia ele o sóco do amo, aquele rijíssimo sóco que lhe moía o corpo de quando em vez, e lhe chamava tremores á espinha, só com tornar-lhe presente a grossura das tacholas.

Palmilhava gárgulas estranguladas, fendidas por convulsões do solo, ou abertas a singelo palpíte de picareta por necessidades do tráfico aldeão. Os taludes, toscamente afeijoados, mostravam-lhe feridas lanhadas na derme serrana. Da argila moldada ainda ao sabor do ferro bruto que a desflorara, espreitavam raízes enormes, grossas como troncos, sem que, á flor da terra, rebentões ou rama feita lhes enobrecessem a função de repteis vegetais. Pendiam, tinham ar de cobras. Havia rendas de baba nas enredanças, ou tecidas de pico em pico, e carpia no ar um fino adejo de abelha canseirosa. Como dum seio, subia dos agrestes uma mornidão frequente.

E nada de Ruça. Voltou o moço para trás, amarfanhando, lastimoso, vencido pelo monte enorme que lhe retinha a cabra, num desprezo irónico pelo descanso da sua pele. Sentia-se atraído pela solidão onde se embrenhava todos os dias, desde o sol fora até á noite vinda, e que devia querer-lhe bem, pela companhia.

Desgalgara a encosta, com o gaio atrás. Duma volta do atalho, pedra branca e cal de neve, surdiu-lhe a igreja. Então o Tone, renegado pelo monte, acolheu-se aos santos. Deixou fora as cabras, e com o ombro tímido empurrou a porta entre-aberta.

Logo de entrada se sentiu suspenso, com o apêrto de alma que sempre lhe causavam tantas cintilâncias, agressivas á força de solenes. Quando lá ia, por maré de desobriga, enovelava-se ao canto, comodamente esquecido do cuspo do padre Faria, e, feito complemento das sirgullhas vizinhas, que eram da Rosa zagala, sentia-se bem, muito aconchegado. Com a narina aberta a um bafo de azeite despreendido dos cabelos dela, sapo enfeitado bebendo dum luar distante, abismava-se na contemplação letárgica daqueles brilhos. Sempre que fóra á presença de Deus, arrebanhado com outros bravios pastores,—e com a Rosa—se sentira escórado por acanhamentos ofuscados, como o seu. Assim, infeliz e sózinho, era a primeira vez.

E a igreja parecia-lhe imensa. Muito maior do que ele julgava. Um absurdo desejo de citar o éco, subiu-lhe, irreprimível. Se fizesse «uh!»—como no pinhal, aquilo é que havia de ser...

Logo deu fé do sacrilégio. Os pés montanheses, feitos no duro trato da serra, puseram-se a vencer lagêdo, com devota timidez. E o monte, lá fora, numa síncope instantânea de garrulices, ficara dependente dos seus passos...

Chegado a meio, mais afoito, o Tone olhou o altar-mor, trabalhando por ver quem lhe trataria da cabra.

De frente, uma cabeça de crucificado, olhos caídos e longa barba escorrente, gogetava no madeiro. Mas ele nem avançou, porque ao pé, carne viva florindo por milagre nas mãos do santeiro que o fi-

zera, um anjo saltava da penumbra, e era de arrepiar: tamanho desmarcado, face de assanho, trunfa leonina sob o elmo medievo, sandália romana por pedestal á musculatura formidável, e vá de coar pela bochecha inchada ventos de medonha tempestade. Erguia na mão uma lança que servia de tocheiro, mas nem a iracúndia angélica, assim dobrada a função utilitária, convencia o Tone da inércia daquele braço, da benignidade daquele sópro.

O Cristo sim, tinha um ar macio, de adormentar pastores, mórmente o da pintura ao lado; esse rasgára manto e carne, para, de escâncaras, ofertar um coração vermelhinho, pascigo de dores humanas e de zagais em apuro. Porém, flanqueado pelo temeroso marmanjo—o tal da tocha, a bufar zangas pela igreja fora—nunca o Tone se atrevera a requerê-lo, nem que houvesse de perder as cabras todas, e rebentar depois sob a patorra do Baltazar.

Dois passos mais, e o olhar, perdido o norte no deslumbramento de tanta farsa, ergueu-se ainda:—Alcandorado em peanha de palmo, pontificava um Jesus menino, dos reboludos, com dois dedos de aurora abençoando, na sinistra um globo pequenino como guizo. Tam pranzenteiro modo na facezita gordancha, aquela inocência sopesando o mundo com desenvoltura de gaiato que mostra a pele, tinha mais ar de quem transviára cabras na celeste planura, do que quem interviesse por achá-las. Tam certo, tam certo... Se a biqueira do bom Deus, maioral de divinos gados, seria tam dura como a de seu amo, é que ele não sabia. O Menino lá se aviesse, que também ele trabalhava por livrar-se da contundência do tamanco. E passou á frente, com um quási riso de cumplicidade a arreganhar-lhe os beiços grossos.

Toda rica, era agora uma Senhora das Dores, passada pelos sete gumes. Das pupilas subidas torrenteavam-lhe doçuras, e no regaço da pálpebra inferior empolara o santeiro dois bagos de choro. Caia-lhe do rosto uma tam suave mortificação, uma tam pungida conformidade, que os olhos labruscos que o fitavam se detinham, enleados, entre a brandura sugerindo deleite, e um sofrimento que, por tanto forçar o humano limite quási topava as raíais do embuste. Tamancah dór afrontava, não predispunha á confidência. E depois... sob o manto, cuja dureza de festos falava da peça cara donde provinha, roíam os carunchos, e o canto triunfal da mandíbula, investindo assim com a amargura divina, irreverência bruta que só vê pau onde os outros vêem transcendências que se não rilham, murchava-lhe o temor.

Buscando medianeiro de face mais acessível, um murmurejo fê-lo voltar a cabeça, sobressaltado.

Enrodilhada nas lajes, mãos direitas como fusos, a senhora Máxima resava—uma que era donzela e tinha fanicos nas novenas, e mordida, e babava, o pé do Senhor dos Passos, muito branca e ansiada, clamando, num trespasse:—«meu Divino meu Divino!»

Ele conhecia-a, pois. Costumava ajudar á doutrina, e bem se lembrava o Tone de cinco dedos papudinhos, fazendo por enterrar-lhe na carne os dez mandamentos, repudiados um a um pelo seu bestunto de chavasco, avesso ás regras divinas. Mas que eram, ao seu rancor, cinco dedos duma filha de Maria, a correr parelhas com a chance ferrada do amo?

Em face da humana pesença, o pastor retomara-se de receio, e sussurrou a sua inquietação; —«Vomecê não viu a minha cabra, a Ruça?»

—«...»
E puxava-lhe pela manga, de mansinho, todo curvado para aquela esperança. Por que não havia a senhora Máxima de achar a sua cabra Ruça?

Acocorou-se, para receber, com humildade reverente, a benção duma certeza.

—«Olhe...uma toda ruça, de pêlo basto, e com um guizo...olhe...»

Ela voltou-se, com desdenhoso desapêgo a pingar-lhe dos olhos pestanudos. Depois, cortando o fio ao Pater:

—«Perdeste-la?»

A cabeça de felpa agreste baixou-se duas vezes, numa afirmativa desolada.

—«Apega-te ao santinho».—Deixou tombar, quando lhe apontou o altar com o queixo.

Descorçoado, o pastor pôz-se a tapar com o indicador distraído, uma por cada vez, as pintas de pulga que lhe cobriam os punhos da camisa. Olhou a senhora Máxima, de canto, e pouco a pouco aqueceu em fé.

El apeçou-se ao santo, solicitando-o por conselho da beata, e não porque o conhecesse,—tam bem posto, com sua mitra—mas que, de longo cajado na dextra seria, por-certo, pastor também.

A identidade da obrigação acabou de afervorá-lo. Talvez o amo já soubesse do desgarrado, advertido pela Rosa ou outra lingua alviçareira.

Ele, nas garras de tamanho apêrto, a querer lavar-se de angústias lembrava aos santos os seus dez anos sem estelo, escravos por enjeite e sem esperanças de alforria, aos baldões de quanto tamanco o Baltazar calçasse, cumprindo-lhe agradecer a côdea da esmoia sem lhe notar a mesquinhez. Então ele, Tone, assim pequeno, sem outro afecto que não fosse o nascido do brutesco olhar das cabras, atado por fraternal partilha do estábulo, (até lá curara as bexigas, o ano passado), ele que curtia a alma ao forte cheiro do bedum, não merecia que o sisudo senhor lhe trouxesse á mão a cabra desgarrada? Não merecia? E quanto á paga... quanto á paga, ele ali estava. Prometia... (que havia ele de prometer, tam nuzinho dos bens da terra?)

Por instinto plebeu, por raposia inata, estendia lamúrias de chaga contrafeita, puxando á caridade... Que havia ele de prometer, Senhor?

Lembrando-se de duas moedas, produto duns «romeiros» que fizera, e trazia presas á estopa da camisa com uns pontarelos da Rosa—uma era dela, outra dele—quis atordoar-se, a si e ao santo, a ver se as livrava do sorvedeiro daquela fé arrebatada. Mas a imagem, com olhos de saber, agora, o negócio que o levava, parecia vará-lo lá dos cimos, vasculhar-lhe com as pupilas trespassantes, os trapos interiores. E os galos, lá fora, esgançando-se á compita, chamavam-no á vida real, ao Baltazar e ao tamanco.

Com peso de arroba á boca do estômago, prometia as duas corôas, e até as dava já, não fosse o senhor santo cuidar que as negaceava. Prometia, prometia, prometia. Rebentaram-lhe as lágrimas, não soube se de gozo se de pena. Heroico, magnifico, refreando o desgosto que lhe vinha ao recordar a

(Continúa na página 13)